

TEXTOS / Interlocuções

Aline Dias

texto de (fundo de) rio,

nessa água que não pára

uma anotação

os dois, na imagem, o horizonte ligeiramente inclinado e algumas pedras no primeiro plano (galhos e restos e pasto fora de quadro)

um começo, esquema:

(artista) fone → fio → microfone (fundo do mar)

ou:

(fundo do mar) microfone → fio → fone (artista)

alguns fragmentos de um monólogo

releio guimarães rosa: o filho fica. não se casa, não vai para a cidade, não vai a parte alguma. o pai não voltou, ele que *não tinha ido a nenhuma parte. que só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio.*

no final da quinta página do conto, o filho chama o pai, pede que volte, propõe trocar de lugar. mas à visão do pai, de um seu aceno, sente medo. ele corre, fuge.

algo de hipótese

é impreciso o espaço que construo mentalmente, tentando antecipar a percepção das configurações espaciais: o filme 16mm em tela grande, a água; o filme s8 em tela pequena, o entorno.

olhar os vídeos sob a água, imaginando que o som vem antes. e do chão.

interrogações

algumas mais ou menos banais: quantas vezes foram acompanhar o rio? quando afunda, a câmera toca o chão? quanto precisa pesar para não flutuar? como foi determinada a duração de cada silêncio? de cada plano filmado em película? como medir o tempo de espera?

um relato

os rios entram aqui, de alguma forma. os ruídos do fundo também.

verbetes

clec clec

zuuuuuuh

montanha é pedra
cubo envelhece arredondando-se
envelhecimento da pedra é sem volta
praia é borda
colapsante mergulhante oscilante salpicado derramado ruidoso deserto turvo

para dois ou três desenhos

a câmera remexe o fundo. tudo esvoaça lá dentro. partículas inquietas, folhas pequenas e um pouco maiores. turbilhão que se move, inquieto, dando voltas, parece. as poeiras aquáticas submersas vem e vão, afastam e aproximam da câmera, fazem movimentos laterais, passam rápido ao redor, sobem e descem. o barulho líquido, os zumbidos. areia, muita. tomam a imagem. a imprecisão dos contornos, a mobilidade de um contorno provisório.

num chão de fundo de mar costeiro, linhas na areia. a corrente (e a câmera também) desassenta as micropartículas dentro, tudo o que se move com a água. depois assenta de novo e as linhas se redefinem, ou se refazem, no chão.

a artista roni horn comenta que um copo com água do rio parece cheio de detalhes túrbidos. eles se assentam no fundo, eventualmente, mas esperando para ser agitados de novo.

um aglomerado de bolhinhas juntas, passam muito rápido. um pedaço de alga que flutua. um pequeno fragmento de vídeo sem definição, monocromo, com uma pintura. outro mais turvo, outro mais ondulado, confundindo a percepção da superfície e do chão.

um outro desenho

as imagens em *river film* concentram-se na superfície da água. os desenhos de – como chamar? – pontos de luz na água. um desenho que pulsa, instável, oscilante. hipnotizante. os planos curtos, calmos. a câmera move-se, acompanha a luz na água. algo acontece no movimento da imagem, mesmo quando a câmera estática. uma suspensão na identificação imediata do que é filmado.

a partir de suas inúmeras imagens de rio, roni horn fala que quando se fotografa a água fala-se em termos gráficos sobre algo que não tem um aspecto gráfico. a água não é nunca apenas uma forma mas uma relação. a forma é líquida, a relação é uma indivisível conexão com todas as coisas (superficialmente com as coisas inanimadas, intimamente com as coisas vivas), ela anota.

lista

tem o movimento da câmera, tem o movimento das correntes, tem o movimento das ondas.

relacionados, um movimento gera e/ou perturba o outro. ou então, a quietude de uma pausa de movimento. a câmera não ‘observa’ imóvel, mas desassossega o que está pausado, participa do movimento. não ‘só’ vê ou captura ou dá a ver (sendo cuidadosa ao preceder o ‘ver’ com o ‘só’).

tem caos e ondas, tem calma e pausa

para uma carta

ela disse ouvir o vento antes de ele chegar. falou em loucura, algo de loucura. no silêncio como ausência de sentido. algo de não sentido, sobretudo. a opacidade de sentido, venho aprendendo. na casa *não se condenava ninguém de doido. ninguém é doido. ou, então, todos* – retomando o monólogo de guimarães.

bilhete

o rio nunca é

dois verbetes

o rio é túrgido e túrbido.

é inchado, cheio. perturba a medida de transparência.

outro esquema:

fio : dispositivo de conexão

um poema

o rio se estende *grande, fundo, calado que sempre*.

para um começo

fotografar/filmar (não apenas) como consequência de um estado de imersão, de esvaziamento, de relação. fotografar/filmar também como começo, desejo ou pretexto para constituir um estado de imersão, esvaziamento, relação. duvidando do trajeto linear resumido entre motivo, consequência ou derivação. as experiências se tocam, propulsionam outras, as imagens entre.

o desejo de alinhar e sincronizar o olhar com o tempo-fluxo da água

anotações

um silêncio que faz parar o tempo

a água, pensada como um lubrificante para outros lugares, na sua capacidade de catalisar memória e desejo, na sua capacidade de diluir a gravidade, reduzir a fricção, suspender a direção do tempo.

apichatpong weerasethakul comenta que as três personagens de *blissfully yours* eram tão frágeis *que precisavam da água para sustentá-las, para flutuarem, para serem felizes*. ele diz: *a água intensifica a vulnerabilidade*.

outro verbete

pedra é imóvel

anotação pequena

duração dos trechos: *o quanto durarem*

trecho sublinhado (1)

o sentido da distância (o olhar) e o da proximidade e imersão (a audição)

três pontos

.

ver através da água

– embora duvidando do aprendizado didático da transparência da água e as características decoradas: inodora, incolor, insípida. a pedra-fantasma, filmada através da água. pedra, dentro da água; olhar, fora. *water is transparence derive from the presence of everything*

.

ver dentro da água

em outro momento, a câmera desce, afunda e filma sob a água. uma pedra que cai, dentro, partículas que se movem, em círculos, em desatino. a imagem por vezes é nítida, definida, embora a palavra, nos desenhos, estabeleça desencontros, reenvios e, sobretudo, embaçamentos na relação com a escuta. entre palavra, imagem filmadas e som, tudo fica em movimento, instável, ligeiramente desfocado. e tudo se apazigua, momentaneamente, também.

.

ver a superfície da água.

o rio, sobretudo, é opaco. calado, não tem um dentro acessível, estável, estabilizável. o rio corre o tempo todo. o rio concentra algo de mistério.

reenvios

estes trabalhos inquietam algo suposto entre experiência sensível, registro transparente. ir até o rio, ater-se na constituição da imagem, construir algo que não se comporta. algo que também a imagem não comporta, e por

isso. na presença da água eu me sinto na presença de coisas que me excedem, anota roni horn. o trabalho (a articulação entre as imagens, escalas, sons, palavras) talvez esteja no trabalho (o esforço) em deixar opaco o que poderia mostrar demais. em trabalhar algo agudo demais numa experiência, em deixar agudo algo de difuso numa experiência. a indefinição mora no uso das palavras, das relações, quando a imagem é nítida. para que o sentido siga opaco.

trecho sublinhado (2)

o canto era para navegadores e uma navegação, no sentido de uma distância e da possibilidade de percorrer essa distância, escreve blanchot, *de fazer do canto o movimento em direção ao canto e desse movimento a expressão do maior desejo (...)* direção ao silêncio, onde não se chega

três notas e uma lembrança

movimento água, movimento filme

algo imperceptível

quando se olha para a água, nunca se sabe para o que realmente (ou exatamente) se está olhando

junto a foz do rio douro, muitas casas tem números e pequenas linhas horizontais, marcando as alturas e datas que a água alcançou.

trecho sublinhado (3)

as sereias entretanto têm uma arma mais terrível que o canto: o seu silêncio. kafka escreve de meios insuficientes que podem servir a salvação. as sereias não cantaram. ulisses não ouviu o silêncio, mas acreditou que cantavam e que a cera no ouvido o impedira de ouvir. ou (apêndice) percebeu que tinham feito silêncio mas usou deste jogo de aparências (e expectativas) para se salvar.

anotação

água como verbo, *ato de perpétua relação*

outro relato

vivi perto do rio. numa casa grande, de madeira, com sótão e porão. os vizinhos amarravam os filhos pelas cinturas ou sob os braços com cordas mais ou menos longas e os deixavam brincar no rio. havia uma balsa. o rio era turvo, lamacento, feito também de barro. a água parecendo pesada e densa, impenetrável. na enchente, o rio esteve dentro de casa. muitos anos depois tive medo da água, uma desproporção de receios vinda de experiências não lembradas. da enchente do rio, uma urso de pelúcia e pano foi sobrevivente, depois de um mês sobre um armário, a casa comportando água até a altura que tenho hoje. conservo o arrependimento mudo de não tê-la guardado. permiti me desfazer dela, muitos anos depois, ponderando e sofrendo discretamente, no momento em que já não tinha olhos (os segundos, desses de vidro presos com um arame fino que eu tirava e colocava), o tecido das pernas, braços, costas e barriga puídos, a cabeça soltando-se do tronco. escapando o estofo.

bilhete

a água é cheia de coisas desconhecidas, impronunciáveis, indizíveis.

duas notas para o começo de outro texto, "desenho de filme", projeto sobre desenho-filme-escrita

o filme parece desenho. retira da imagem fílmica, a identificação e a dimensão referencial direta. pontos de luz na superfície, galhos, contornos e formas instáveis. pensar a superfície da água, certa qualidade gráfica. a imagem se constitui via/a partir de estar imerso, tentativa de esvaziamento. esvaziar: tirar volume.

articulação áudio/vídeo/desenho/escrita. desenhos do que gravou (de áudio e de vídeo), onde também escreve e comenta. processo de desenhar não o que vê no mundo mas o que revê na imagem.

* pensando em *mar paradoxo, river film, pedra-fantasma*

(com trechos dos cadernos-fotografados de Raquel Stolf e Helder Martinovsky)

** e também em *another water, mekong hotel, blissfull yours, a terceira margem do rio, canto de sereias* (com kafka, com blanchot)